

NEONAZISTAS SEM FRONTEIRAS: A TRANSNACIONALIZAÇÃO DA EXTREMA DIREITA POR MEIO DO BLACK METAL NACIONAL SOCIALISTA

Neonazis Without Borders: the transnationalization of the far right through Black Metal Nacional-Socialista

David A. M. Magalhães¹

Pedro Blaya Fernandes de Mello²

¹PUC-SP, São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: david.dvdmg@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8761-7617>.

²PUC-SP, São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: pedroblayamello@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-1600-0845>.

Artigo Recebido em: 14 abr. 2025 | Aceito em: 18 nov. 2025.



Esta obra está licenciada sob uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

RESUMO

Este artigo analisa a transnacionalização da extrema direita contemporânea a partir do estudo da subcultura do Black Metal Nacional-Socialista (BMNS). Argumenta-se que o BMNS funciona como uma formação grupuscular neofascista, organizada de maneira descentralizada e orientada por uma lógica metapolítica. Por meio da música, do simbolismo estético e das redes digitais, bandas como Absurd, lideradas por Hendrik Möbus, e selos como a Darker than Black Records articulam conexões internacionais, promovem a radicalização e reforçam a identidade supremacista branca. A análise mobiliza a literatura sobre transnacionalismo nas Relações Internacionais e os estudos sobre subculturas extremistas para compreender como o BMNS se constitui como uma rede ideológica transfronteiriça que opera à margem da política institucional, mas com forte capacidade de mobilização cultural e simbólica.

Palavras-chave: Extrema Direita. Black Metal Nacional-Socialista (BMNS). Transnacionalismo.

ABSTRACT

This paper analyzes the transnationalization of the contemporary far right through the study of the National Socialist Black Metal (NSBM) subculture. It argues that NSBM functions as a neo-fascist groupuscular formation, organized in a decentralized manner and guided by a metapolitical logic. Through music, aesthetic symbolism, and digital networks, bands such as *Absurd*—led by Hendrik Möbus—and labels like *Darker than Black Records* articulate international connections, promote radicalization, and reinforce white supremacist identity. The analysis draws on the literature on transnationalism in International Relations and studies of extremist subcultures to understand how NSBM constitutes a transboundary ideological network that operates on the margins of institutional politics, yet holds significant capacity for cultural and symbolic mobilization.

Keywords: Far Right. Black Metal Nacional-Socialista (BMNS). Transnationalism.

INTRODUÇÃO

A ascensão de forças ultradireitistas tem sido um dos aspectos mais marcantes do nosso tempo, desafiando a ordem liberal pós-Guerra Fria. Em vários continentes, líderes ultradireitistas como Donald Trump nos EUA, Narendra Modi na Índia e Jair Bolsonaro no Brasil, além de Viktor Orbán na Hungria, questionam os direitos humanos, atacam minorias e enfraquecem instituições multilaterais. A direita radical também é a terceira maior força política na Alemanha (AfD) e na Espanha (VOX). Cas Mudde (2019) classifica essa ascensão como a quarta onda global da ultradireita, que tem normalizado discursos e práticas antes marginalizados. Isso abriu caminho para o crescimento de organizações neofascistas, muitas das quais operam fora das instituições tradicionais e se articulam internacionalmente. Esses grupos extremistas desenvolvem suas

próprias estratégias de transnacionalização, adaptando-se ao mundo globalizado pós-Guerra Fria e utilizando as tecnologias digitais.

Entre essas subculturas de extrema direita, uma das manifestações mais inquietantes e ainda pouco estudadas é o Black Metal Nacional Socialista (BMNS), um subgênero do Black Metal que combina sonoridades extremas com uma estética explicitamente neonazista. Atuando na fronteira da cultura musical e da militância política, as bandas de BMNS formam um ecossistema grupuscular e descentralizado, conforme a tipologia proposta por Roger Griffin (2003), que define o neofascismo do pós-guerra como uma forma de organização em rede, informal, rizomática e resistente à repressão institucional. Tais grupúsculos operam metapoliticamente: ao invés de buscar a conquista imediata do poder político, seu objetivo é transformar os valores culturais, os símbolos sociais e as subjetividades individuais. Auto-proclamados “gramscianos de direita”, defendem uma “guerra de posição”, ocupando espaços na “super-estrutura ideológica” para erodir no longo prazo o consenso liberal-democrático que dominou a ordem internacional desde o fim da Guerra Fria. Não convém, assim, à extrema direita grupuscular partir para a “guerra de movimento”, isto é, disputar o jogo político-eleitoral (Abrahamsen et al., 2024). Nessa lógica, a cultura — sobretudo a cultura musical — é convertida em veículo privilegiado de doutrinação ideológica e de ferramenta contra “a hegemonia do politicamente correto”.

Nesse contexto, buscamos analisar o Black Metal Nacional Socialista como um instrumento de mobilização da extrema direita transnacional, destacando os vínculos entre cultura e relações internacionais, e enfatizando como a música atua como um agente metapolítico, contribuindo para a reconfiguração do espaço ideológico global. Para compreender essa articulação, o artigo propõe uma análise centrada em um caso emblemático: Hendrik Möbus, figura-chave da cena BMNS, fundador da banda *Absurd* e criador do selo *Darker Than Black Records*. A trajetória de Möbus permite visualizar como bandas e gravadoras operam como pontes para a circulação de símbolos, repertórios e agentes do neonazismo musical, articulando uma rede global que atravessa fronteiras e conecta comunidades ideológicas dispersas. A partir de *Absurd* e da *Darker Than Black Records*, o BMNS consolidou-se como um instrumento de transnacionalização do neofascismo, atuando de forma clandestina e resiliente diante das restrições impostas por Estados democráticos.

Essa atuação transnacional do BMNS é analisada à luz da literatura teórica sobre transnacionalismo em Relações Internacionais, que desde os anos 1970 questiona o paradigma estadocêntrico e reconhece o protagonismo de atores não estatais na arena global. Inicialmente mobilizada para estudar empresas, ONGs e movimentos sociais progressistas, essa abordagem passou, sobretudo após o 11 de setembro, a incluir também redes extremistas, como o terrorismo jihadista e, mais recentemente, grupos de extrema direita. Assim como organizações humanitárias — como Médicos Sem Fronteiras, Jornalistas Sem Fronteiras e outras ONGs transnacionais — tornaram-se objeto privilegiado de análise nas teorias de transnacionalismo nas Relações Internacionais, também as redes informais e subterrâneas de atores extremistas demandam

atenção. O ecossistema do BMNS opera segundo uma lógica semelhante de circulação transfronteiriça, ainda que a serviço de um projeto ideológico radicalmente oposto. Nesse sentido, poderíamos pensar essas bandas, selos e coletivos como verdadeiros "neonazistas sem fronteiras": agentes culturais e políticos que, mesmo marginalizados no plano institucional, articulam-se globalmente, forjando uma comunidade imaginada de extrema direita unida por símbolos, sons e narrativas comuns.

Assim, o artigo está estruturado da seguinte forma. Na primeira seção, discutimos a quarta onda global da ultradireita, destacando sua penetração nas subculturas e o papel das organizações grupusculares. Na segunda seção, exploramos a literatura teórica desenvolvida no campo das Relações Internacionais sobre transnacionalismo, uma vez que ela permite compreender a circulação global de ideias, símbolos e atores da extrema direita. Mostramos como as subculturas de ódio, como o BMNS, se inserem nas "sociedades em rede" descritas por Manuel Castells, aproveitando-se da revolução da informação para articular-se em escala planetária, com forte presença nas redes sociais e nos circuitos musicais alternativos.

Nas seções seguintes, apresentamos o Black Metal Nacional Socialista como uma subcultura reacionária que opera por meio de uma lógica grupuscular. Discutimos sua gênese, suas características estéticas e ideológicas, bem como seu papel na construção de identidades coletivas de extrema direita. Em seguida, focamos na figura de Hendrik Möbus e na trajetória da banda *Absurd*, para então analisar o funcionamento da gravadora *Darker Than Black Records* como instrumento central de transnacionalização do BMNS. Mostramos como a gravadora articula bandas de diferentes continentes, organiza splits, promove festivais e estabelece parcerias com selos internacionais, consolidando uma rede global de propaganda neonazista.

Por fim, discutimos o papel da internet e das redes sociais no fortalecimento do BMNS como subcultura globalizada. Plataformas como Telegram e X (antigo Twitter) são utilizadas não apenas para a divulgação musical, mas também para a radicalização de indivíduos e a formação de comunidades virtuais de ódio. A análise culmina na observação dos festivais de BMNS, em especial na Ucrânia, que têm se tornado local de 'peregrinação' neofascista e de recrutamento para organizações paramilitares, evidenciando a fusão entre cultura, política e guerra no universo da extrema direita global.

ORGANIZAÇÃO GRUPUSCULAR, SUBCULTURAS E EXTREMA DIREITA

Na década de 1980, von Bayme identificou três ondas globais de ascensão da ultradireita após a Segunda Guerra Mundial: a primeira onda (1945–1955) reuniu grupos remanescentes do fascismo; a segunda (1955–1980) marcou o surgimento da direita radical populista, em reação ao consenso liberal-democrático; e a terceira (1980–2000) coincidiu com o aumento do desemprego e da imigração, permitindo que partidos ultradireitistas aumentassem seu eleitorado na Europa (Bayme, 1988). Segundo Mudde (2019), estamos atualmente imersos na quarta onda, que começou nos anos 2000, impulsionada pelos atentados de 11 de setembro de 2001, a crise

financeira de 2008 e a crise de refugiados de 2015. Diferentemente das fases anteriores, essa etapa seria marcada pela consolidação da ultradireita no centro do sistema político, com líderes como Donald Trump, Narendra Modi, Jair Bolsonaro e Viktor Orbán, além do fortalecimento de partidos como AfD, na Alemanha, e VOX, na Espanha.

Neste artigo, adotamos as distinções conceituais entre ultradireita (far right), direita radical (radical right) e extrema direita (extreme right), conforme delineado por Cas Mudde (2007; 2019) e Elizabeth Carter (2018). Para esses autores, a ultradireita se divide em dois subgrupos ideológicos: a direita radical, que aceita a lógica democrática, mas rejeita seus pilares liberais, como os direitos das minorias, a separação de poderes e o Estado de Direito, e a extrema direita, que rejeita a democracia liberal em sua totalidade — ou seja, tanto a soberania popular quanto os direitos das minorias e os princípios de governo limitado. Enquanto a direita radical opera de forma reformista, buscando moldar a ordem vigente com valores nativistas, autoritários e populistas, a extrema direita, inspirada no fascismo histórico, adota uma abordagem revolucionária, visando a ruptura radical e violenta com o sistema democrático.

Dessa forma, podemos dizer que os holofotes da “quarta onda” têm se voltado, sobretudo, para a direita radical, cuja atuação foi progressivamente normalizada e incorporada ao sistema político em diversas democracias contemporâneas, seja no governo ou na oposição. Por outro lado, embora também tenha se expandido, a extrema direita continua a operar majoritariamente em espaços marginais, organizada em grupúsculos que seguem rejeitando frontalmente as instituições democráticas. Foi Roger Griffin (2003) quem cunhou o termo organização grupuscular para descrever a estrutura em rede, difusa e descentralizada adotada por movimentos neofascistas no pós-guerra. Impedidos de atuar via partidos de massa ou instituições formais — dado o repúdio social ao fascismo histórico — esses militantes reorganizaram-se em pequenos grupos (groupuscules) informais que operam fora das instituições convencionais, adotando estratégias metapolíticas.

O conceito de metapolítica, criado por Alain de Benoist, é crucial para analisar o BMNS, pois essas bandas atuam principalmente no campo cultural, usando a música como vetor ideológico. O termo surge de uma adaptação das ideias de hegemonia de Antonio Gramsci, mas, em vez de focar em mudanças políticas institucionais, busca transformar a sociedade por meio de suas bases culturais. De Benoist e outros ideólogos da nova direita defendiam que a mudança política só ocorreria ao desafiar e reformular a cultura dominante, valores e ideias centrais de uma sociedade (Teitelbaum, 2019). Assim, a metapolítica visa construir uma nova 'hegemonia' cultural, preparando o terreno para movimentos políticos radicais, estratégia adotada pelo BMNS."

Ainda sobre a organização grupuscular, Griffin (2003) empresta de Deleuze e Guattari (1987) a ideia de "rizoma" para aplicá-lo ao neofascismo, já que ele não segue uma hierarquia tradicional de tipo "árvore", mas se espalha como as raízes de uma planta rizomática — múltiplas, interconectadas, e sem um ponto de origem único. Isso reflete a maneira como o neofascismo,

especialmente o "direita grupuscular", se organiza de forma a evitar estruturas formais e centralizadas, favorecendo a conectividade entre pequenos grupos autônomos e dispersos que formam uma rede de influência e ação política que é resistente à repressão. A característica rizomática permite que esses grupos se adaptem, proliferem e se comuniquem globalmente, sem a necessidade de um centro de comando ou uma liderança fixa. Nesse sentido, como argumenta Caldeira Neto (2022), o neofascismo contemporâneo deve ser compreendido como um fenômeno transnacional que opera simultaneamente em múltiplas escalas, combinando dinâmicas locais com vínculos globais, e cuja estrutura descentralizada favorece justamente a circulação ideológica, a cooperação informal e a resiliência diante das restrições institucionais.

Esses grupúsculos encontram terreno fértil para germinar em subculturas extremistas, que, juntamente com partidos políticos e movimentos sociais, constituem as principais formas de organização da ultradireita. As subculturas representam uma forma organizativa mais difusa e menos institucionalizada, formada por grupos que compartilham valores, símbolos, práticas e uma identidade comum. Nesses espaços, a coesão se dá mais pela afinidade cultural do que por vínculos institucionais formais. É nesse contexto que subculturas como os skinheads, torcidas organizadas (como ultras e hooligans) ou as comunidades digitais da alt-right ganham relevância como vetores da radicalização política, ainda que frequentemente operam fora das lógicas tradicionais de organização partidária ou militante (Mudde, 2019). Entendendo o Black Metal Nacional-Socialista como uma subcultura que abriga uma miríade de grupúsculos neofascistas, faz-se necessário aprofundar a compreensão do conceito de subcultura dentro das Ciências Sociais.

O conceito de subcultura gera um debate contínuo na sociologia, marcado por ambiguidades e sobreposições com termos como 'contracultura' e 'subsociedades'. O Dicionário de Oxford (2024) define subcultura como o 'conjunto de comportamentos e crenças de um grupo que difere da sociedade', associando-a frequentemente a juventudes rebeldes ou bandos criminosos. Contudo, essa definição é insuficiente, pois não explica os elementos que distinguem uma subcultura da cultura dominante e reforça estereótipos. A literatura sociológica critica essa abordagem, argumentando que subculturas não podem ser definidas apenas por faixas etárias (Berger, 1963) ou critérios raciais ou socioeconômicos (Barth, 1969). Fine e Kleinman (1979) definem uma subcultura como um sistema coeso de normas e comportamentos internalizados pelos membros, que permite a formação de uma identidade coletiva, coexistindo com expressão individual. Para eles, entender uma subcultura requer considerar dimensões simbólicas e materiais, como vestimentas e artefatos, que tornam a subcultura reconhecível. Diferente das 'contraculturas', que buscam romper com a ordem social (Yinger, 1960), as subculturas permanecem inseridas no tecido social, operando com relativa autonomia e dialogando criticamente com a cultura dominante.

É nesse sentido que BMNS deve ser compreendido como uma subcultura de caráter reacionário, cuja lógica não é a de ruptura com a sociedade contemporânea, mas de restauração

e intensificação de valores considerados tradicionais por seus integrantes. Ainda que atue por meio de conflitos e transgressões, o movimento não almeja a destruição da ordem vigente, e sim a reconfiguração desta a partir de uma visão nostálgica e revisionista de um passado idealizado. A rejeição ao cristianismo, presente em algumas de suas vertentes, expressa não uma negação da religiosidade, mas a tentativa de recuperar tradições tidas como mais autênticas e anteriores às supostas influências degeneradas da modernidade judaico-cristã. Mesmo figuras como Varg Vikernes e Hendrik Möbus, embora centrais na difusão do movimento, se inserem em um ethos coletivo e se subordinam a normas simbólicas e identitárias compartilhadas — elemento distintivo das subculturas, marcadas pela coesão comunitária, em contraste com a ênfase individualista característica das contraculturas.

A proliferação de bandas de Black Metal neonazistas constitui, portanto, uma das muitas manifestações da quarta onda ultradireitista em que nos encontramos. Esses grupos germinam e se espalham no terreno da subcultura neofascista. E, como é característico da extrema direita contemporânea, a BMNS manifesta seu caráter grupuscular, anti-institucional e metapolítico. Tal condição produziu duas consequências aparentes: de um lado, empurrou as organizações neofascistas para a margem das sociedades onde operam; de outro, criou condições favoráveis à sua transnacionalização. Fragmentados domesticamente, esses grupos buscaram inspiração ideológica, apoio material e aliados além-fronteiras, conectando-se a pares estrangeiros numa espécie de "internacional subterrânea" da extrema direita. (Magalhães, 2022).

TRANSNACIONALIZAÇÃO, EXTREMA DIREITA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Desde a década de 1970, os estudos sobre transnacionalismo têm adquirido crescente relevância no debate teórico das Relações Internacionais, desafiando o paradigma estadocêntrico ao evidenciar a importância de atores não estatais atuando através das fronteiras. O termo "transnacional" foi empregado inicialmente por Huntington (1973) para descrever o papel de organizações como empresas multinacionais e igrejas no cenário mundial. Pouco depois, Keohane e Nye (1971) ofereceram um tratamento teórico pioneiro ao conceito, definindo as relações transnacionais como contatos, coalizões e interações que atravessam fronteiras estatais sem controle pelos órgãos centrais de política externa dos Estados. Essa definição captava um fenômeno emergente: o crescimento de interações além do Estado, o que colocava em xeque a ideia de que apenas governos nacionais determinam as dinâmicas internacionais. Desde então, a literatura de Relações Internacionais passou a incorporar progressivamente esses atores transnacionais – empresas, organizações não governamentais (ONGs), redes de ativistas, grupos religiosos, movimentos sociais, entre outros – reconhecendo que eles podem influenciar a política internacional e moldar agendas para além do alcance exclusivo dos Estados (Risse-Kappen, 1995).

A intensificação da globalização após o fim da Guerra Fria forneceu condições estruturais propícias para o protagonismo de atores transnacionais. A crescente interdependência econômica e os avanços tecnológicos facilitaram fluxos globais de pessoas, capitais, ideias e informações em

uma escala inédita. Em especial, a revolução da informação nas últimas décadas reduziu drasticamente os custos de comunicação e tornou possível a coordenação descentralizada de grupos através do ciberespaço. As transformações tecnológicas diminuíram a capacidade dos governos controlarem rigidamente os fluxos transfronteiriços, abrindo espaço para a atuação de novos protagonistas globais fora do aparato estatal. Nye (2009), por exemplo, argumenta que poderíamos estar diante de um “ciberfeudalismo”, em que comunidades virtuais e jurisdições sobrepostas competem com a autoridade estatal, apelando a múltiplas camadas de identidade e lealdade dos indivíduos.

Inicialmente, a literatura teórica sobre transnacionalização reconhecia o protagonismo de atores transnacionais no imediato pós-Guerra Fria, considerando-os como agentes de transformação positiva na esfera global. No entanto, após os atentados de 11 de setembro de 2001, essa perspectiva passou por uma problematização significativa. Os estudos começaram a focar nos aspectos deletérios da transnacionalização, com destaque para atores não estatais violentos, como as redes do terrorismo jihadista, que ilustravam como movimentos clandestinos podiam se coordenar globalmente e desafiar a segurança internacional (Schmitz, 2007). Mais recentemente, reconhece-se que a extrema direita também tem se beneficiado dessas conexões: na última década, por exemplo, atentados terroristas de supremacistas brancos chegaram a superar, em número, aqueles de grupos jihadistas (Magalhães, 2022).

Assim, indivíduos isolados podem encontrar uma identidade comum por meio de comunidades virtuais de ódio, convencendo-se de que não estão sozinhos em suas crenças extremistas (Adams e Roscigno, 2005; Koster e Houtman, 2008). Esse sentimento de pertencimento transnacional, embora restrito ao ambiente online, incentiva a emulação de táticas e fortalece a disposição de atuar em uma causa percebida como global. Para compreender como grupúsculos de extrema direita emergem e se consolidam nesse cenário transnacional, é necessário considerar suas adaptações organizacionais e ideológicas. Tanto as subculturas quanto os grupos extremistas que delas fazem parte inserem-se nas 'sociedades em rede' (Castells, 1996), profundamente transformadas pela Era da Informação.

Nesse contexto, o conceito de glocalização, desenvolvido por Roudometof (2016), explica como as tendências globais, ao se inserirem em contextos nacionais específicos, são reconfiguradas para atender às necessidades locais, fortalecendo simultaneamente os níveis global, continental e regional. Esse fenômeno é visível em diversos domínios, como no futebol, onde grupos antes limitados a espaços geográficos específicos, como os torcedores, se inserem em um contexto mais amplo, evidenciado pelo hooliganismo, que é simultaneamente local e global. A violência dessas facções, observada em várias partes do mundo, está frequentemente associada a questões políticas e ideológicas. Da mesma forma, a música contemporânea reflete os efeitos da glocalização, com gêneros como o funk brasileiro adaptando influências globais à realidade local, incorporando elementos sonoros e líricos que abordam questões específicas, como a violência policial e a desigualdade social nas cidades (Herbert e Rykowski, 2018; Sansone,

2003). Como veremos mais adiante, a subcultura BMNS deve também ser compreendida à luz da glocalização.

Como observa Griffin (2003), uma das características do neofascismo do pós-guerra foi a desterritorialização de sua identidade. Em vez de reivindicar um nacionalismo estritamente enraizado no Estado-nação, vários grupos passaram a defender um nacionalismo pan-europeu, imaginando a civilização ocidental branca como unidade supranacional. Esse alargamento das fronteiras identitárias pavimentou o caminho para colaborações além-mar, acompanhado por um processo de internacionalização de organizações de inspiração fascista.

Com a globalização e a internet nos anos 1990, a extrema direita grupuscular conseguiu se articular em redes transnacionais. A abertura de fronteiras e a facilidade de viagens permitiram encontros presenciais, enquanto a comunicação online viabilizou a troca de propaganda e a formação de comunidades virtuais. Caiani e Kröll (2015, p.4) destacam que as tecnologias de informação, somadas ao afrouxamento das fronteiras, possibilitaram a cooperação internacional entre supremacistas brancos e neonazistas, sendo fundamentais para o êxito de grupos extremistas e da direita radical populista. Exemplos incluem neonazistas brasileiros que se aliaram ao Batalhão Azov e à Misanthropic Division, além de identitários europeus que cooperam em campanhas contra a imigração islâmica e o 'globalismo das elites'. As redes sociais facilitaram a organização e a articulação quase instantânea além das fronteiras, como visto com o movimento PEGIDA, fundado na Alemanha em 2014, que inspirou manifestações em diversos países europeus e no Canadá. Sem as mídias digitais, o PEGIDA dificilmente teria se internacionalizado tão rapidamente (Magalhães, 2022).

Vale destacar, finalmente, que a transnacionalidade constitui uma característica fundamental mesmo em subculturas que, à primeira vista, estão intimamente associadas à rejeição da globalização ou das tecnologias modernas, como é o caso do BMNS. Atualmente, a maioria dos movimentos sociais ou políticos é tão globalizada quanto as instituições que contestam (Feixa e Nilan, 2009). Paradoxalmente, as ferramentas digitais são empregadas para o recrutamento e a coação de indivíduos a esses grupos, ao mesmo tempo em que inspiram a criação de movimentos semelhantes em outros países — assim, o nacionalismo se fortalece precisamente por meio de seus vínculos transnacionais.

DO SUBTERRÂNEO À AÇÃO: O ECOSSISTEMA DA BMNS COMO FORMAÇÃO GRUPUSCULAR DA EXTREMA DIREITA

A popularização do Black Metal Nacional-Socialista, um gênero que é fruto de processos essencialmente locais, pode ser atribuída a uma variedade de fenômenos sociais dos anos 1990, como a revolta juvenil contra o status quo ou a oposição a um mundo globalizado, e que também influenciaram diversos outros movimentos dentro do heavy metal e fora dele. No entanto, o desenvolvimento das ideias políticas dentro do BMNS é radicalmente distinto de quaisquer outros movimentos em atividade e, portanto, deve ser interpretado através de uma lente que reconheça

suas particularidades e formas únicas de expressão, que se distinguem radicalmente dos gêneros musicais tradicionais (Olson, 2008). Similares distinções são encontradas quando comparado com outras subculturas e identidades dentro da extrema-direita internacional, seja pela reação da população e da mídia às práticas subculturais (Carvalho, 2011), pelo maior alcance internacional, pela paradoxal predileção tanto ao individualismo quanto à comunidade (Olson, 2008) ou pelos vínculos entre bandas e entidades políticas institucionais (Williams, 2018).

Desde sua criação, o Black Metal tem sido combustível para controvérsias, como os casos da Mayhem³ e o uso de símbolos blasfêmicos. Artistas, com vocais guturais e corpse paint, protestavam contra as influências cristãs, usando táticas de choque social para atrair atenção. O Black Metal, frequentemente classificado como pagão ou ateu, pode ser indiferente à religião ou comprometido com ideias esotéricas. Bandas do BMNS utilizam o choque social para justificar o uso de símbolos nazistas e racistas. Para Olson (2008, p. 25), o BMNS se distingue por sua ênfase política, defendendo causas coletivas e usando a música para recrutamento. Embora o neonazismo não se restrinja ao metal, é no BMNS que a violência encontra um ambiente de incentivos sistemáticos. Varg Vikernes, do Mayhem e Burzum, foi amplamente divulgado por seus ataques a igrejas e o assassinato de Euronymous, tornando-se um espetáculo midiático que marcou a geração dos anos 1990. Apesar dos esforços da imprensa para alertar sobre os perigos do BMNS (Carvalho, 2011), os danos já estavam feitos, com a ascensão de figuras como Vikernes contribuindo para a disseminação do neonazismo na Europa.

A esse respeito, encontramos um notável exemplo em Anders Behring Breivik, norueguês e ativista da extrema-direita, autor de um atentado terrorista que ceifou a vida de 77 inocentes e feriu outros 51 no dia 22 de julho de 2011. Apesar de manifestar rejeição ao heavy metal por razões estéticas e de gosto pessoal, Breivik foi claramente influenciado pela ampla atenção midiática dedicada ao gênero, como ele próprio reconhece em seu manifesto:

Eles amavam metal e hip hop. Ser parte de comunidades muito pequenas da direita ou da comunidade majoritária do rock significava atrair garotas góticas e fãs de hard rock. Eu não gostava de nenhum destes dois grupos. [...] A grande ironia é que aqueles que faziam parte das comunidades de direita eram muito mais “normais” que nós naquele período. Eles eram pacíficos enquanto nós éramos violentos. Eles seguiam a lei e as regras enquanto nós quebrávamos a lei e ignorávamos as regras de novo e de novo. Ao mesmo tempo, a comunidade do hip hop era celebrada pela mídia, enaltecida como ápice da tolerância entre a nova geração, enquanto ELES [a direita] eram condenados pelas suas visões políticas, sistematicamente agredidos e assediados por gangues não-brancas, extremistas marxistas (Blitz etc) e a polícia. É um tanto irônico e vergonhoso (Breivik, 2011, apud Teitelbaum, 2014, *tradução nossa*)⁴.

³ Uma banda norueguesa dos anos 1990. Várias controvérsias marcaram a história do grupo, como o assassinato de Euronymous por Varg Vikernes, o uso de uma fotografia do cadáver do companheiro Dead como imagem central em um álbum, a formação do *Inner Circle* que abrigou assassinos e outros criminosos, etc.

⁴ No original: “They loved metal and we loved hip-hop. Being into the very small right wing community or the larger mainstream rock community meant Goth girls and hard rock. I disliked both. [...] The big irony is that those in the right-wing community were a lot more ‘normal’ than us during this period. They were peaceful while we were violent. They followed the law and rules while we broke the law and ignored the rules again and again. At the same time, the hip-hop community was cheered by the media,

Breivik, autor do manifesto 2083: A European Declaration of Independence, não foi o único terrorista de extrema-direita a ter vínculo com o BMNS. Em 22 de janeiro de 2025, um estudante da Antioch High School, em Nashville, abriu fogo contra colegas, sendo fotografado com camisetas do Burzum e outras bandas neonazistas. Além disso, a ascensão do BMNS e a violência associada a ele têm uma dimensão de gênero importante, já que o Black Metal é um espaço predominantemente masculino no imaginário de jovens brancos, que se percebem excluídos pelas transformações do pós-modernismo e da reconfiguração das normas de gênero (Spracklen, 2015). Para Jonathan F. Williams (2018), o BMNS se destaca por suas ameaças específicas à sociedade, com uma retórica poderosa capaz de atrair seguidores e integrar redes ideológicas. Sua análise complementa a tese de Roger Griffin (2003) sobre a 'direita grupuscular', destacando como pequenas facções extremistas podem articular projetos políticos coesos e sofisticados. Williams alerta para o perigo representado por essas facções e adverte a não subestimar seu potencial de ação.

A contribuição do BMNS ao militarismo vai além das letras e declarações polêmicas, estendendo-se à vida pessoal e profissional dos seus integrantes. Participar do BMNS implica integrar uma organização política, onde se compartilham objetivos ideológicos e se está disposto a lutar e morrer por eles. Na Ucrânia, por exemplo, bandas associadas ao BMNS incentivam o recrutamento de homens de diferentes idades para combaterem o que chamam de 'hordas orcs' (referindo-se aos soldados russos). O baterista Mykola 'Amorth' Sostin, da banda Drudkh, tornou-se um mártir nacional-socialista após sua morte em batalha em 2024. O BMNS, em sua essência, não é apenas um grupo com interesses musicais, mas um movimento político descentralizado e rizomático, disseminando o neonazismo por meio da cultura e da metapolítica. As facções neonazistas dentro do metal atuam como vetores ideológicos, construindo comunidades coesas para propagar suas doutrinas ao longo do tempo. Esse modelo reflete as transformações da extrema direita pós-Segunda Guerra Mundial, quando algumas organizações se adaptaram às instituições políticas democráticas (Griffin, 2003), enquanto outras buscaram refúgio nas subculturas.

Do culto a um passado idealizado e à veneração de divindades ancestrais (Fischer, 2022) à apologia da violência e à proximidade com grupos paramilitares, o BMNS configura-se como um movimento de expressiva influência e crescente relevância no atual cenário político global. Essa ideologia, que mistura reverência por um passado idealizado e a promoção da violência, encontra expressão máxima em bandas como *Absurd*, liderada por Hendrik Möbus. A trajetória de Möbus e sua banda reflete de maneira exemplar os princípios que orientam o BMNS, não apenas no campo musical, mas também na articulação de uma identidade radical e transnacional.

praised as the pinnacle of tolerance among the new generation, while THEY were condemned for their political views, systematically harassed and beaten by non-white gangs, extremist Marxist gangs (Blitz etc) and the police. It's quite ironic and shameful".

HENDRIK MÖBUS E A *ABSURD*

Liderada por Hendrik Möbus, *Absurd* é uma das bandas mais antigas e influentes do BMNS, reconhecida pelo compromisso com as causas neonazistas globalmente. Após a prisão por assassinato em 1993, passaram a ser conhecidos como In Ketten ('Acorrentados') e se tornaram ícones para a comunidade fascista alemã, devido à sua recusa em abandonar ideologias extremistas e à postura desafiadora em relação ao Estado. Möbus e Varg Vikernes, do Burzum, são comparados como figuras messiânicas, com Vikernes focando na tradição pagã e na 'raça branca', enquanto Möbus defendia planos concretos para a 'resistência branca' (Maspero e Ribaric, 2015). Ambos emergiram no contexto da terceira onda da ultradireita, como descrito por Klaus von Beyme (1988), e serviram de modelo para o BMNS e sua evolução na quarta onda (Mudde, 2019).

Para Ryan Buesnel (2020, p.10), a *Absurd* foi capaz de estruturar sua marca de ódio por via da "intensificação de temas raciais e teológicos que demonstravam sua feroz incumbência de extirpar a herança judaico-cristã da Europa". Seus versos regularmente associam a identidade e a essência da "raça branca" — e em especial a etnia germânica — ao resgate do misticismo nórdico e dos deuses de Asgard. A temática explicitamente apologista ao nazismo e aos seus líderes se amplifica e atinge também o campo da estética visual, dos símbolos do Terceiro Reich e da supremacia branca (suásticas, cruzeiros celtas, sóis negros, etc). Inequivocamente, o banimento de símbolos e manifestações neonazistas na Alemanha mostrou-se insuficiente para conter o ressurgimento de visões preconceituosas e odiosas — se é que, de fato, chegaram a desaparecer — durante os anos 1990 e, como evidencia a contínua expansão geográfica dessas bandas, também na contemporaneidade (Buesnel, 2020).

A reestruturação da ultradireita na Alemanha está, em grande parte, ligada à preservação do BMNS na cena do Black Metal europeu. Políticos de direita, incluindo figuras do Alternativa para a Alemanha (AfD), acusam o BPjM de censurar injustamente artistas alemães (Maspero e Ribaric, 2015). Com o apoio da direita institucional, o BMNS explora lacunas legais para expandir sua atuação internacionalmente, organizando 'eventos privados' e utilizando selos alternativos ou estrangeiros para publicar suas obras. Após fugir para os Estados Unidos e se refugiar com o supremacista branco William Luther Pierce, Hendrik Möbus transferiu o controle da DTB para Shane Rout, buscando evitar a intervenção das autoridades e garantir a continuidade da disseminação de seus conteúdos ideológicos (Maspero & Ribaric, 2015). Thorsten Hindrichs (2021) observa a crescente expansão do movimento nacional-socialista no campo musical e sua tentativa de estender sua influência para a política e transformação social na Europa, como citado por Dieter Riefeling (2018, p. 151 apud Hindrichs, 2021): 'um dia vocês desejarão que nós apenas tocássemos músicas'.

Anos depois de sua segunda prisão — dessa vez pela polícia norte-americana —, Hendrik Möbus retoma o controle da *Absurd* e dá início a um novo período de atividade. Seu álbum

Schwarze Bande (Banda Negra em alemão), de 2022, marca o retorno definitivo do grupo ao BMNS e reafirma seu comprometimento com a política. A capa (Figura 1) ostenta a figura de um crânio semi-decomposto de um draugr do folclore nórdico — talvez aludindo à totenkopf, a cabeça da morte, utilizada pelos nazistas. Na testa da criatura, a runa Algiz⁵ jaz virada ao avesso, conferindo o sentido de runa da morte conforme a Ariosofia⁶ (Schwarz, 1928). No canto inferior esquerdo, a tela é marcada por um sol negro⁷. Em 2025, *Absurd* e a *Darker than Black Records* parecem assumir uma postura de intensificação da propaganda neonazista. Em somente quatro meses — ou seja, de janeiro a abril —, já foram catorze novos álbuns publicados ou remasterizados, com a própria *Absurd* lançando *Der fünfzehnjährige Krieg* (A Guerra dos Quinze Anos⁸).

Figura 1- Capa do álbum *Schwarze Bande* (Banda Negra)



Fonte: Metal Archives (2022)

Mesmo sob a constante vigilância de autoridades policiais em praticamente todos os países, a gravadora *Darker than Black Records* destaca-se pela produção contínua de conteúdo musical e material propagandístico. Ao contrário da maioria das gravadoras de pequeno porte e estrutura limitada no meio nacional-socialista — muitas das quais lançam tiragens extremamente reduzidas, por vezes inferiores a 50 cópias —, a *Darker than Black Records* possui capacidade para realizar múltiplas reimpressões de álbuns de uma mesma banda, ampliando significativamente o alcance e a rentabilidade desses grupos (Maspero & Ribaric, 2015). Assim, Möbus não dirige uma empresa marginal, prestes à falência ou restrita à produção de materiais ideológicos de alcance limitado, mas sim um selo plenamente inserido no mercado fonográfico, capaz de articular uma

⁵ A Algiz, igualmente conhecida como *Lebensrune* (Runa da Vida), também é regularmente associada às noções de preservação da cultura germânica do nacionalismo *völkisch* e do ecofascismo.

⁶ Trata-se da “ciência” nazista, marcada pelo esoterismo e pela concepção da superioridade ariana.

⁷ Ou *Schwarze Sonne*, um símbolo irrefutavelmente nazista. Idealizado por Heinrich Himmler, líder das SS, representa o ocultismo germânico com 12 runas radiais.

⁸ Uma referência à Longa Guerra Turca, quando forças austríacas e otomanas guerrearam sobre as terras da Transilvânia. No BMNS, a resistência europeia (sobretudo germânica) às invasões estrangeiras é altamente glorificada.

rede composta por dezenas de bandas distribuídas globalmente. Com surpreendente facilidade, a gravadora estabelece conexões e parcerias na Europa, nas Américas, na Ásia, na África e na Oceania.

Com base nas evidências apresentadas, é possível afirmar que a existência de uma rede transnacional de extrema-direita no universo musical não se trata de uma mera possibilidade, mas de uma realidade consolidada. Nesse contexto, merece destaque a atuação da gravadora *Darker than Black Records*, que colabora com diversas bandas distribuídas em diferentes continentes — como a Spear of Longinus, da Austrália; a Darkthule, da Grécia; a Morke, da Alemanha; a Nokturne, dos Estados Unidos; e a Nachtkult, do Brasil. No passado, o selo também esteve associado a nomes proeminentes do BMNS, como a grega Der Stürmer, a finlandesa Goatmoon e a ucraniana Hate Forest, com as quais ainda mantém colaborações esporádicas — relações que exemplificam as estratégias de transnacionalização adotadas por esse circuito musical extremista, tema que será objeto de análise na seção seguinte.

DARKER THAN BLACK RECORDS: UMA FERRAMENTA DE TRANSNACIONALIZAÇÃO DO BMNS

Para entender a rápida expansão transnacional do BMNS, é fundamental analisar os mecanismos que garantem sua operação, como as splits — álbuns compartilhados entre bandas, que permitem a ascensão rápida de artistas menos conhecidos ao panteão nacional-socialista da música. Através das splits, o BMNS supera barreiras legais e a estrutura fraca de gravadoras menores, com selos de grande porte, como a *Darker than Black Records*, desempenhando um papel central ao conectar grupos emergentes a bandas consolidadas. Em 2008, a *Absurd* lançou um three-way split com a sueca Sigrblot e a norte-americana Grand Belial's Key (GBK), com a divulgação feita pela *Darker than Black* e pela *Drakkar Productions*. O álbum *Weltenfeind* continua amplamente disponível e a South America Division da Drakkar distribui produtos da GBK no Brasil, destacando a participação de brasileiros em grupos estrangeiros e o consumo de materiais importados. Na Oceania, a Spear of Longinus, representante da DTB, busca estabelecer uma cena neonazista na Austrália, adaptando-se à história local com o "Nazismo Gnóstico", que funde as lendas da raça ariana ao fascismo político (Carr, 1998). Ao incorporar divindades nórdicas, germânicas e hindus, a banda cria uma identidade baseada na herança indo-ariana. Seguindo o conceito de Gesamtkunstwerk de Richard Wagner, a Spear of Longinus e o restante do Black Metal tentam cooptar jovens brancos para uma ideologia de ódio e violência, através de um espetáculo que mistura imagens, sons e performances teatrais (Hillier e Barnes, 2020).

A música e a subcultura configuram-se como instrumentos particularmente eficazes no processo de conversão de indivíduos politicamente moderados às ideologias extremistas. A sensação de pertencimento — frequentemente construída como uma forma de irmandade — constitui a principal força propulsora dos círculos do BMNS e de sua disseminação em escala global (Nilan, 2021). Hendrik Möbus e seu contato norte-americano, William Luther Pierce, entenderam este fenômeno e planejaram, no início dos anos 2000, como a música auxiliaria o crescimento da

ideologia supremacista branca. Davide Maspero e Max Ribaric (2015, p. 112) descrevem os eventos que culminaram na fundação de duas novas gravadoras voltadas ao BMNS nos Estados Unidos. Após a extradição de Hendrik Möbus, Varg Vikernes concedeu-lhe os direitos de uso da trademark no território norte-americano, o que possibilitou a criação de uma filial da Cymophane Records no país — com o apoio de William Pierce e de sua rede de contatos para viabilizar a inserção no mercado. Além disso, Möbus contribuiu para a fundação da Unholy Records, uma subsidiária da Resistance Records — vinculada à National Alliance — voltada à promoção e publicação de BMNS, trabalhando com bandas como Nokturnal Mortum, Fanisk e The Shadow Order.

Discutir o estabelecimento de um pacto de solidariedade transnacional de Black Metal nacional-socialista implica, invariavelmente, na revelação da importância do The Pagan Front (Front Pagão). Descrita por Maspero e Ribaric (2015, p. 129) como “a maior rede de bandas, pessoas criativas, marcas, distribuidoras e publicações que compartilham um senso de identidade Pan-Europeia, majoritariamente promovida por via de músicas extremas”⁹, ou “um exército de metal pagão”. Entre os integrantes mais relevantes dessa rede destacam-se Der Stürmer, Graveland e, como era de se esperar, dada sua intensa orientação política, *Absurd*. O grupo inspira-se em organizações pagãs e neonazistas anteriores, como a Heathen Front (ou Fronte Pagão) e seu capítulo alemão, a Deutsche Heidnische Front, fundada por Hendrik Möbus. Responsável por formalizar o termo Black Metal Nacional-Socialista em um de seus diversos manifestos, o Pagan Front consolida-se não apenas como uma máquina de propaganda ideológica altamente estruturada, mas também como uma plataforma estratégica de transnacionalização da extrema direita, articulando bandas, selos e símbolos em uma rede que atravessa fronteiras nacionais e culturais (Maspero & Ribaric, 2015).

As atividades políticas de Hendrik Möbus comprovam a solidez e a vastidão da rede transnacional do Black Metal Nacional-Socialista. Com apenas uma banda e um selo sob o seu comando, Möbus é capaz de mobilizar e impulsionar toda uma comunidade dedicada à divulgação do neonazismo e a sua adoção nas Américas e na Europa. A figura da *Absurd*, no entanto, é apenas uma das jogadoras no imenso jogo político do BMNS; apenas um único exemplo das milhares de bandas e artistas individuais que tecem, em conjunto, as teias da extrema-direita global. Sob a égide da música e da arte, disfarçam seu enorme potencial destrutivo para a sociedade democrática.

O IMPULSO TRANSNACIONAL DA BMNS NA ERA DA INTERNET

Como vimos, a revolução tecnológica conferiu aos atores transnacionais um papel central na política internacional. A popularização da internet a partir dos anos 2000 trouxe um avanço preocupante para o BMNS, diversificando seus métodos de divulgação e tornando-os mais

⁹ Em inglês, “the largest international network of bands, Creative people, labels, distribütörs and publications that have a pan-European sense of identity as a common denominator, mainly promoted through extreme music”.

eficazes na criação de um sentimento de pertencimento. Estratégias como atendimento personalizado, chats virtuais e contato com selos musicais amplificaram esse efeito. Desde sua origem, o BMNS não se limitava a uma faixa etária ou grupo demográfico específico (Berger, 1963), e a expansão digital ampliou a diversidade de indivíduos nos grupúsculos da extrema direita. Hoje, é impossível analisar o BMNS sem considerar as redes de relacionamento online. O BMNS prospera em plataformas com pouca regulamentação de conteúdo, como Telegram e X (antigo Twitter), onde seus membros mantêm várias contas de reserva e dissimulam suas intenções ideológicas, atraindo ouvintes de Black Metal tradicional e outros gêneros. Essa tática é eficaz na atração de indivíduos indiferentes politicamente ou simpatizantes do neonazismo, como exemplificado pelo usuário '@4SkinGump' no X, que elogia o conteúdo nacional-socialista e considera a *Absurd* a melhor banda que encontrou até o momento (Yanks, 2025).

No X, os movimentos nacional-socialistas crescem rapidamente, com contas como '@BlkMetalEnjoyer' e '@HerrBismark' conectando a comunidade BMNS a outros grupúsculos neonazistas. Esses esforços buscam atrair eleitores de Donald Trump e simpatizantes de regimes autoritários como o de Viktor Orbán, aprofundando sua radicalização e inserindo-os no nacional-socialismo contemporâneo. A divulgação musical no X se mistura com conteúdos extremistas, como reportagens culpando minorias por crimes, 'pesquisas científicas' sobre a superioridade da raça branca e textos apologéticos ao Terceiro Reich e à causa confederada. Sob o nome Thulêan Sorcerer, Varg Vikernes mantém uma presença digital com 55 mil seguidores, utilizando a página para compartilhar ideias, produções e incitar ódio. Vikernes anuncia o lançamento de *To Hell and Back Again*, com o objetivo de reverter as 'falsas narrativas' sobre o Black Metal, e promove o jogo de RPG *ReconQuest*, que glorifica um passado racista, com inimigos como os 'Khemetian' (alusão ao povo judeu), Orcs e Selvagens. Em uma publicação, Vikernes (2025) compartilha uma tabela para que seus seguidores se comparem aos 'thulêans' e celebrem suas origens europeias.

Exemplos como o de Varg Vikernes são excepcionais, pois ele é um ex-presidiário e foragido da polícia, sem muito a temer das consequências legais. A maioria dos membros do BMNS, no entanto, valoriza o anonimato, pois muitos são jovens, trabalhadores e pais de família, com 'tudo a perder' se forem identificados pelas autoridades. Nesse contexto, o anonimato torna-se essencial para o nacional-socialismo online, sendo fundamental para entender a dinâmica dessas redes. As atividades no Telegram, por exemplo, focam na divulgação musical em canais públicos, mas nos grupos privados, acessíveis por convite, há maior liberdade para discutir temas como história revisionista, esoterismo e eugenismo, evidenciando a interseção entre cultura musical e ideologia extremista. Esses canais são numerosos e de difícil controle, com centenas de alternativas prontas para substituir os principais em caso de problemas técnicos ou legais. Uma busca por termos como 'BMNS', 'National-Socialist Metal' e 'Rechtsrock' revela uma vasta rede neonazista, incluindo grupos especializados na divulgação de materiais de selos como a *Darker than Black Records*, que mantém ao menos cinco chats ativos. Esses selos se preocupam com o marketing linguístico, oferecendo informações em diversos idiomas, como inglês, espanhol e

russo, com exceção do japonês, talvez uma referência à relação histórica entre o fascismo de Hirohito e o Reich de Hitler, que considerava os japoneses 'arianos honorários'.

A instrumentalização das redes sociais é essencial para a intensificação do funcionamento das splits como técnica de difusão musical e ideológica. Nos grupos de divulgação generalizada, são os álbuns splits que assumem o protagonismo; são, também, os que geram maior animação aos fãs que acompanham esses veículos com afinco. Em virtude de sua natureza cooperativa e compartilhada, os splits são promovidos por canais dedicados a diversas bandas e projetos distintos no BMNS, impulsionando as vendas e a distribuição dos materiais por todo o mundo. A banda italiana Frangar, por exemplo, utiliza-se do prestígio associado ao selo *Darker than Black Records* para apoiar outras formações que não integram oficialmente o catálogo da gravadora. No álbum *Hail to the Hungarian Revolution*, colabora com a banda franco-sueca Aktion T4; já em *All'Armi!*, une-se à conterrânea SPQR.

O uso dos chats virtuais para o estímulo das splits e da música neonazista não é exclusivo dos países europeus. A grega Der Stürmer, colaboradora assídua da *Darker than Black Records* e ex-integrante da marca, empenha-se, desde a pandemia do COVID-19, à expansão das fronteiras nacionais-socialistas para além da Europa e América do Norte, revigorando as cenas políticas nos países da América do Sul. Em 2022, lançaram *El llamado de los Lobos* com a colombiana Eugenesia e contando com a ajuda da gravadora Culto Solar Records, também da Colômbia. Pouco antes, em 2020, lançaram *O Despertar de um Novo Eixo* com a brasileira Ravendark's Monarchal Canticle, agenciada pela Acta Non Verba Rex, empresa oriunda de Santo André, São Paulo. Contentes com a comunidade neonazista brasileira, Der Stürmer publicou *Paulistarum Terra Mater Live*, com a também grega Wodulf — na capa do álbum, as bandas homenageiam o estado de São Paulo.

Por via dos canais do Telegram, evidenciam-se também os laços entre o cenário do Black Metal Nacional-Socialista e a doutrina bélica. Existe, na extrema-direita global, uma orientação jingoísta favorável à guerra como uma ferramenta de emancipação do homem branco e de teste de suas qualidades étnico-culturais. No contexto político atual, esses vínculos aparecem sobretudo quanto ao tratamento do conflito Russo-Ucraniano, em que divisões armadas de ambos os países contam com a aptidão e ânimo excessivo de recrutas do BMNS.

UCRÂNIA EM GUERRA: EPICENTRO DA CONVERGÊNCIA NEOFASCISTA E FESTIVAIS DE BMNS

Uma das maiores diferenças entre o atual cenário do BMNS e o seu estado durante a década de 1990 é a dimensão dos festivais constituídos quase exclusivamente por bandas de ideologia neonazista. Desde o início dos anos 2000, a expansão destes festivais por toda a Europa e Américas é notável. Não se trata de um crescimento desorganizado e facilmente interrompido, mas de um ordenamento consistente e com representação dos grandes nomes do meio em

questão. Figuras como a de Hendrik Möbus, de *Absurd*, e Alexey Lyovkin, de M8L8TX/M8L8TH¹⁰, tem sido crucial para a disseminação de festivais, bem como suas conexões transnacionais.

Em particular, a capital ucraniana, Kiev, destaca-se como um ponto central da organização de festivais neonazistas na Europa. Este não é, no entanto, um caso sem explicação. Os tumultuosos protestos do Euromaidan, quando os ucranianos se revoltaram contra a decisão governamental de seguir os desejos russos, e os conflitos armados na região da Criméia e do Donbass, foram episódios importantes para a consolidação da Ucrânia como um solo fértil e receptivo a grupos de extrema-direita, sejam eles quais forem. Desde então, a permissividade — e até a proximidade — do Estado ucraniano à extrema-direita é evidente (Katchanovski, 2016). Movimentos ultranacionalistas como o Pravyi Sektor, oriundo do Euromaidan (Puglisi, 2015), e transnacionais como o Ucraniza Brasil (Ramos, 2021), popular dentre a direita conservadora brasileira, demonstram os vínculos entre a ultradireita e a atmosfera política construída no país desde 2013.

Sem o receio de repressão legal, selos do BMNS como a *Darker than Black Records* encontram em territórios como a Ucrânia o ambiente propício para a realização de suas atividades políticas. Nesse contexto, os festivais neonazistas transformam-se em pontos de convergência que ultrapassam o universo digital, oferecendo espaços físicos para colaboração, contribuindo para a formação de uma rede tangível de contatos transnacionais de extrema-direita. Ao contrário de outras subculturas extremistas, como a alt-right, o BMNS dá prioridade ao estabelecimento de bases operacionais offline, sendo uma comunidade que não se restringe ao meio digital, embora se beneficie consideravelmente desses canais.

Apoiados por renomadas gravadoras do círculo nacional-socialista do Black Metal, festivais como o Hot Shower na Itália (Hume, 2024), o Call of Terror na França (Nonjon, 2023), o Under the Black Sun na Alemanha e o Asgardsrei na Ucrânia se transformam em grandes encontros com características quase partidárias e envolvimento direto de grupos paramilitares (Zúquete, 2020). Durante os dias de evento, esses espaços tornam-se locais para a exaltação da identidade cultural europeia e da supremacia branca, reunindo defensores da causa ultradireitista de diferentes países (Nilan, 2021). Mais do que simples festividades com música e álcool, esses festivais funcionam como espaços de fortalecimento de laços entre organizações de diversas nacionalidades e como plataformas para o estabelecimento de estratégias voltadas à expansão da rede transnacional do BMNS. No norte da Itália, por exemplo, os fãs de Black Metal se reúnem anualmente no Hot Shower, cujo local só é revelado no dia do evento (Hume, 2024). Ao contrário dos encontros promovidos por outros gigantes do neonazismo na música, como os memoriais em

¹⁰ M8L8TH é uma banda de origem russo-ucraniana capitaneada pelo militante neonazista Alexey Lyovkin. Embora formado na Rússia, o grupo é explicitamente pró-Ucrânia e tem vínculos com as Forças Armadas Ucranianas. Os dois números oito em seu nome representam o signo 88, ou HH (Heil Hitler).

homenagem à Skrewdriver¹¹ e Ian Stuart Donaldson, os ingressos para os festivais nacionais-socialistas de Black Metal podem simplesmente ser comprados digitalmente, sem quaisquer impedimentos legais (Peel, 2023).

Urge o esclarecimento das relações entre alguns dos festivais nacionais-socialistas e a promoção do combate¹². A facção francesa do grupo skinhead neonazista Hammerskins, por exemplo, mantém contato frequente com integrantes do batalhão Azov, a fim de garantir a participação de bandas e combatentes ucranianos em seu festival Call of Terror. A inclusão de “guerreiros europeus” não é feita sem razão: procuram construir um imaginário de homem branco capaz de expulsar invasores de suas terras e garantir a segurança de sua família e de sua raça; são vistos como nobres soldados, comparados com aqueles de outrora, de “tempos gloriosos” das civilizações europeias. O nacionalismo ucraniano, portanto, ganha lugar de destaque nas comunidades do metal continental (Nonjon, 2023).

O festival Asgardsrei (do nórdico 'Viagem de Asgard' ou Ride of Asgard), realizado na Ucrânia, é um dos eventos mais diretamente influenciados pelo movimento fascista ucraniano. Inspirado no álbum homônimo da banda *Absurd*, o festival foi concebido com o objetivo explícito de oferecer um espaço seguro para a atividade neonazista. Desde sua criação, ambicionava consolidar-se como um centro de referência do BMNS na Europa, reunindo supremacistas de diferentes países em um ambiente livre de repressão ou censura — objetivo que, ao que tudo indica, foi plenamente alcançado. “A organização do evento está diretamente vinculada a Hendrik Möbus e Alexey Lyovkin, por meio de seus vínculos com grupos paramilitares e militantes na Ucrânia e na Alemanha. Durante as festas, bandeiras do Batalhão Azov e da Russian Volunteer Corps¹³ são observadas pendendo de janelas, mastros ou das costas de fanáticos neofascistas (Hagen, 2019). Lyovkin, embora etnicamente russo e natural de Tver, lutou ao lado das forças ucranianas no Batalhão Azov em 2014. Após um período como professor e pesquisador da obra do ideólogo de extrema-direita Julius Evola em Odessa, ele se juntou ao Russian Volunteer Corps em 2023.

As entidades neopagãs fundadas por Möbus e Lyovkin funcionam como fontes de recrutamento para esses grupos paramilitares. Ao incentivar o envolvimento masculino na guerra e apresentar a Ucrânia como um terreno fértil para o neonazismo na Europa, os líderes do BMNS estabelecem conexões com organizações como a Misanthropic Division, no caso de Möbus, e a WatanJugend, no caso de Lyovkin. A partir da ideia de uma grande raça branca unida pelo sangue

¹¹ Banda britânica de Punk Rock que liderou o movimento *Rock Against Communism* (RAC) e a inserção de elementos neonazistas na música. Comumente apontada como a voz central do nacional-socialismo musical.

¹² Aqui, “combate” se refere tanto ao estímulo do ingresso à guerra quanto ao combate tradicional. Em festivais como o Asgardsrei, são construídos ringues destinados à realização de lutas entre aqueles que atendem ao evento. **No BMNS, há a noção de que um homem precisa se provar um guerreiro digno.**

¹³ A *Russian Volunteer Corps* é uma organização de extrema-direita russa auto-denominada como anti-Putin e nacionalista. São liderados pelo ex-hooligan Denis ‘White Rex’ Kapustin.

e inspirada por deuses da mitologia germânica, os ideólogos extremistas e jingoístas reivindicam a defesa do território europeu contra os 'inimigos orientais' (como os russos e a imigração). Essa ideologia é eficaz em atrair jovens de diversas nacionalidades para suas fileiras. Em 2014, por exemplo, muitos membros da WatanJugend deixaram seus países para ingressar no exército ucraniano (Weiss, 2019). Considerando que a Misanthropic Division possui operações confirmadas no Brasil, não é exagero afirmar que a organização pode ter exercido influência na decisão de dezenas de brasileiros que deixaram a América do Sul para se juntar à Ucrânia (Stabile, 2020).

CONCLUSÃO

O Black Metal Nacional-Socialista (BMNS) ilustra de forma contundente a lógica grupuscular e transnacional da extrema direita contemporânea. Essa subcultura, surgida no início dos anos 1990, mescla a estética do black metal com a ideologia neonazista, operando como ferramenta de mobilização, recrutamento e propaganda para supremacistas brancos em escala global. Como fenômeno eminentemente transnacional, a subcultura do BMNS articula bandas, fãs e coletivos de diferentes países por meio de gravações compartilhadas, fanzines, fóruns virtuais e festivais subterrâneos, consolidando uma cena musical que transcende fronteiras nacionais e que se ancora numa comunidade ideológica imaginada, unida por símbolos, mitos e narrativas racistas.

Sem dispor de uma hierarquia central ou de uma estrutura institucionalizada, o BMNS opera de maneira fragmentada, reproduzindo com precisão o modelo grupuscular descrito por Roger Griffin (2003). Cada célula mantém sua autonomia local, mas compartilha referências comuns e se insere numa rede global de extrema direita cultural. Vimos também que a internet desempenhou um papel crucial nesse processo, ao permitir a circulação instantânea de conteúdos de ódio, a articulação entre militantes de diferentes países e a consolidação de plataformas colaborativas e propagandísticas com grande capacidade de mobilização simbólica.

Nesse sentido, o BMNS funciona como um vetor informal de organização política sob o disfarce de subcultura musical. Sua atuação socializa jovens em valores ultranacionalistas, conecta células dispersas e difunde propaganda neonazista, muitas vezes escapando dos mecanismos tradicionais de regulação e vigilância estatal em virtude de suas características rizomáticas. A existência de um fenômeno como o BMNS confirma empiricamente os principais argumentos da literatura sobre transnacionalismo nas Relações Internacionais: mesmo atores radicalmente antiestablishment, organizados de forma descentralizada e informal, são capazes de transcender seus contextos nacionais e constituir redes políticas transnacionais coesas. Compreender o neofascismo contemporâneo exige, portanto, romper com abordagens exclusivamente estatais e reconhecer a centralidade da cultura, das subculturas e das plataformas digitais como arenas cruciais de disputa ideológica no século XXI.

Por fim, ao observar a circulação internacional de bandas, selos e festivais neonazistas, torna-se evidente que a extrema direita não apenas aprendeu a navegar no ambiente globalizado — ela o instrumentalizou para consolidar suas estratégias metapolíticas. Nesse sentido, o

crescimento da subcultura BMNS é, como demonstramos neste artigo, uma das tantas faces da “quarta onda global ultradireitista” na qual a estética se torna veículo de ideologia, e a cultura, território de guerra simbólica contra os valores do liberalismo cosmopolita. Embora quantificar exatamente a quantidade de bandas ativas no BMNS seja um empreendimento difícil — senão impossível, dadas as características grupusculares do subgênero —, já há vasto esforço em compreender a expansão da subcultura na América do Sul e no restante do mundo. Ricardo Penteado (2025), da *Global Network on Extremism & Technology*, relata a identificação de pelo menos 100 bandas brasileiras sob o rótulo de BMNS e mais de 1000 músicas disponíveis. De acordo com a pesquisa, os tumultos domésticos dos anos 2010 (*impeachment* da presidente Dilma Rousseff, manifestações políticas, etc.) foram solo fértil para a multiplicação do Black Metal neonazista no país, ainda em franca atividade. A articulação do BMNS brasileiro com grupos estrangeiros (europeus, norte-americanos, argentinos) reflete uma movimentação global da extrema direita antidemocrática e iliberal, merecendo, portanto, atenção contínua e irrestrita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abrahamsen, R.; Drolet, J.-F.; Williams, M. C.; Vucetic, S.; Narita, K.; Gheciu, A. (2024). *World of the Right: Radical Conservatism and Global Order*. Cambridge: Cambridge University Press.

Adams, J.; Roscigno, V. J. (2005). ‘White Supremacists, Oppositional Culture and the World Wide Web’, *Social Forces*, 84(2), pp. 759-778.

Antioch, Tenn. (2025). ‘Shooter Inspired by Broad Extremist Beliefs and Previous Mass Killers’, *ADL Center on Extremism*, p. 1, 23 jan. Disponível em: <https://www.adl.org/resources/article/antioch-tenn-shooter-inspired-broad-extremist-beliefs-and-previous-mass-killer>. [Acesso em: 14 fev. 2025].

Auto von nazi möbus angezündet. (2014). *Linksunten Indymidia*, p. 1, 21 ago. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20150227010723/https://linksunten.indymedia.org/de/node/120937>. [Acesso em: 14 fev. 2025].

Barth, F. (1969). ‘Introduction’, in BARTH, F. *Ethnic Groups and Boundaries*. Bergen-Oslo: Universitets Forlaget, pp. 9-38.

Berger, B. (1963). ‘On the Youthfulness of Youth Cultures’, *The Johns Hopkins University Press*, 30(3), pp. 319-342.

Beyme, K. V. (1988). *Right-wing Extremism in Western Europe*.

Botsch, G. (2012). ‘From Skinhead-Subculture to Radical Right Movement: The Development of a ‘National Opposition’ in East Germany’, *Contemporary European History*, 21(4), pp. 553-573. DOI 10.1017/S0960777312000379. Disponível em:

<https://www.cambridge.org/core/journals/contemporary-european-history/article/abs/from-skinheadsubculture-to-radical-right-movement-the-development-of-a-national-opposition-in-east-germany/6DF0E788FECD936F51A17C005A706BC8>. [Acesso em: 2 out. 2024].

Boxell, L.; Gentzkow, M.; Shapiro, J. M. (2017). 'Is the internet causing political polarization? Evidence from demographics', *Brown University Population Studies*, pp. 1-25, 28 mar.

Blazak, R. (2013). 'Hate in the Suburbs: The Rise of the Skinhead Counterculture', in McIntyre, L. J. *The Practical Skeptic: Readings in Sociology*. Mountain View, California: McGraw Hill, pp. 36-44. ISBN 0078026881.

Buesnel, R. (2020). 'Black Metal Nacional-Socialista: a case study in the longevity of far-right ideologies in heavy metal subcultures', *Patterns of Prejudice*, pp. 1-17, 24 nov.

Caiani, M.; Kröll, P. (2015). 'The transnationalization of the extreme right and the use of the Internet', *International Journal of Comparative and Applied Criminal Justice*, 39(4), pp. 331–351.

Caldeira Neto, O. (2023). 'O Neofascismo no Brasil, do Local ao Global?', *Esboços: Histórias Em Contextos Globais*, 29(52), pp. 579–598. Recuperado de <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/87065>

Carr, B. (1998). 'BLITZKRIEG!!!!', *Quiddity Zine*, 2, p. 1. Disponível em: <https://quiddityzine.tripod.com/spearof.htm>. [Acesso em: 13 fev. 2025].

Carvalho, G. F. (2011). 'Paraíso em chamas: Construção midiática do movimento Black Metal na Noruega'.

Castells, M. (1996). *The Rise of the Network Society, The Information Age: economy, society and culture*, vol. 1. Oxford: Blackwell.

Castells, M. (1997). *The Power of Identity, The Information Age: economy, society and culture*, vol. 2. Oxford: Blackwell.

Cotter, J. M. (2007). 'Sounds of hate: White power rock and roll and the neo-nazi skinhead subculture', *Terrorism and Political Violence*, 11(2), pp. 111-140, 21 dez. DOI 10.1080/09546559908427509. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/09546559908427509>. [Acesso em: 9 out. 2024].

Deleuze, G.; Guattari, F. (1987). *A Thousand Plateaus: Capitalism and Schizophrenia*. Tradução de B. Massumi. Minneapolis: University of Minnesota Press.

During, S. (1999). 'The function of subculture', *Routledge*, Nova Iorque, 2, pp. 441-450. Disponível em: http://www.stevenlaurie.com/wp-content/uploads/2012/07/Hebdige_subculture.pdf. [Acesso em: 19 out. 2024].

Feixa, C.; Nilan, P. (2009). 'Uma juventude global?: Identidades híbridas, mundos plurais', *Política & Trabalho: Revista de Ciências Sociais*, 31, pp. 13-28.

Fine, G. A.; Kleinman, S. (1979). 'Rethinking Subculture: An Interactionist Analysis', *University of Chicago Press*, 85(1), pp. 1-20.

Fischer, J. (2022). 'Pagan Metal Gods: The Use of Mythology and White Supremacy Black Metal Nacional-Socialista', *A Responsive Journal for Art & Architecture*.

German nazi-musician confirms: I was assaulted in Copenhagen. (2019). *Jelly*, 25 mar. Disponível em: <https://jellypages.com/breaking/german-nazi-musician-confirms-i-was-assaulted-in-copenhagen.html>. [Acesso em: 14 fev. 2025].

Griffin, R. (1991). *The Nature of Fascism*. 1. ed. Routledge, 264 p. ISBN 1138174084.

Griffin, R. (2003). 'From slime mould to rhizome: an introduction to the groupuscular right', *Patterns of Prejudice*, 1, pp. 1-25.

Hagen, F. (2019). 'En nationalsocialistisk black metal-festival i Kiev er meget mere end bare musik', *POV International*, 12 dez. Disponível em: <https://pov.international/militant-black-metal-i-denne-weekend-samles-hojreekstremister-fra-hele-verden-i-kiev/>. [Acesso em: 17 out. 2024].

Hasselbach, I.; Bonengel, W. (1994). *Die Abrechnung: Ein Neo steigt aus*. Berlim: Aufbau, 160 p. ISBN 3351024134.

Hebdige, D. (1979). 'The function of subculture', in: *Subculture: the meaning of style*. Methuen Publishing, cap. 5, pp. 73-84. ISBN 0-415-03949-5.

Herbert, D.; Rykowski, M. (2018). *Music Glocalization: Heritage and Innovation in a Digital Age*. Cambridge: Cambridge Scholars, 431 p.

Hillier, B. P.; Barnes, A. (2020). 'Wolf in Sheep's Clothing: Extreme Right-Wing Ideologies in Australian Black Metal', *IASPM Journal*, 10(2), pp. 1-20, 16 jun.

Hindrichs, T. (2021). "'One Day You Will Wish We'd Only Played Music": Some Remarks on Recent Developments of Germany's RechtsRock Scene', in: SEIBT, O.; RINGSMUT, M.; WICKSTRÖM, D.-E. *Made in Germany: Studies in Popular Music*, Routledge, cap. 12, pp. 145-153.

Hume, T. (2024). 'Neo-Nazi Music Shows Return To Europe', *Vice*, p. 1, 12 fev. Disponível em: <https://www.vice.com/en/article/neo-nazi-music-shows-return-to-europe/>. [Acesso em: 10 abr. 2025].

Huntington, S. P. (1973). 'Transnational Organizations in World Politics', *World Politics*, 25(3), pp. 333-368.

Keohane, R. O.; Nye, J. S. (1971). *Transnational Relations and World Politics*. Cambridge: Harvard University Press.

Jaschke, H.-G. (1993). 'Sub-Cultural Aspects of Right-Wing Extremism', in: BERG-SCHLOSSER, D.; RYTLEWSKI, R. *Political Culture in Germany*, Berlim: Palgrave MacMillan, cap. 10, pp. 126-134. ISBN 0312085303.

Katchanovski, I. (2016). 'The Far Right in Ukraine During the "Euromaidan" and the War in Donbas', *SSRN Electronic Journal*, pp. 1-63, set. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/306548367_The_Far_Right_in_Ukraine_During_the_Euromaidan_and_the_War_in_Donbas. [Acesso em: 10 abr. 2025].

Koster, W.; Houtman, D. (2008). 'Stormfront is like a second home to me', *Information, Communication & Society*, 11(8), pp. 1155-1176.

Maspero, D.; Ribaric, M. (2015). 'Wolves Among Sheep: History and Ideology of BMNS'.

Magalhães, D. (2022). 'Neofascismo brasileiro e suas articulações transnacionais: uma contribuição a partir das Relações Internacionais', *Esboços*, 29(52), pp. 693-701.

Mendonça, F.; Bivar, V. (2024). 'Ascensão da ultradireita na Europa', *Chutando a Escada*, p. 1, 12 jun. Disponível em: <https://chutandoaescada.com.br/2024/06/12/chute-347/>. [Acesso em: 4 mar. 2025].

Mudde, C. (2007). *Populist Radical Right Parties in Europe*. Cambridge: Cambridge University Press.

Mudde, C. (2019). *The Far Right Today*.

Nilan, P. (2021). 'The Youth Appeal of Far-Right Music Festivals', *Youth*, 1, pp. 1-13, 2 nov.

Nonjon, A. (2023). *Le régiment Azov: un nationalisme ukrainien en guerre*. Les Éditions du Cerf, 274 p. ISBN 9782204155540.

Nye, J. S. (2009). *Cooperação e conflito nas relações internacionais*. São Paulo: Editora Gente.

Olson, B. H. (2008). 'I am the Black Wizards: Multiplicity, Mysticism and Identity in Black Metal Music and Culture'.

Peel, B. (2023). *Tonight It's a World We Bury: Black Metal, Red Politics*. Londres: Watkins Media Limited, 304 p.

Penteado, Ricardo Cabral. Sonic Hate: Examining Brazil's NSBM Scene and Its Global Networks. Global Network on Extremism & Technology, 10 fev. 2025. Disponível em: <https://gnet-research.org/2025/02/10/sonic-hate-examining-brazils-nsbm-scene-and-its-global-networks/>. [Acesso em: 10 out. 2025].

Pisoiu, D. (2014). 'Subcultural Theory Applied to Jihadi and Right-Wing Radicalization in Germany', *Institute for Peace Research and Security Policy*, Hamburgo, pp. 1-22, 9 dez. DOI 10.1080/09546553.2014.959406. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/09546553.2014.959406>. [Acesso em: 16 out. 2024].

Puglisi, R. (2015). 'Heroes or Villains?: Volunteer Battalions in Post-Maidan Ukraine', *Istituto Affari Internazionali*, pp. 1-21. Disponível em: <http://www.jstor.com/stable/resrep09840>. [Acesso em: 10 abr. 2025].

Ramos, B. D. (2021). 'Movimento de extrema-direita realiza ato pela 'ucranização' do Brasil no centro de SP', *Ponte*, p. 1, 2 abr. Disponível em: <https://ponte.org/movimento-de-extrema-direita-realiza-ato-pela-ucranizacao-do-brasil-no-centro-de-sp/>. [Acesso em: 10 abr. 2025].

Reis, F. (2024). 'Baterista ucraniano de Black Metal, Mykola "Amorth" Sostin, morre no campo de batalha', *Mundo Metal*, p. 1, 7 nov. Disponível em: <https://www.mundometalbr.com/baterista-ucraniano-de-black-metal-mykola-amorth-sostin-morre-em-batalha/>. [Acesso em: 15 fev. 2025].

Risse-Kappen, T. (1995). *Bringing Transnational Relations Back In: Non-State Actors, Domestic Structures and International Institutions*. Cambridge: Cambridge University Press.

Roudometof, V. (2019). 'Cosmopolitanism, Glocalization and Youth Cultures', *Brill*, pp. 1-21, 24 maio. Disponível em: https://brill.com/view/journals/yogo/1/1/article-p19_19.xml?ebody=full%20html-copy1. [Acesso em: 14 out. 2024].

Roudometof, V. (2016). *WHAT is Glocalization?*, in: Roudometof, V. *Glocalization: A Critical Introduction*. Londres: Routledge. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/mono/10.4324/9781315858296/glocalization-victor-roudometof>. [Acesso em: 3 out. 2024].

Sansone, L. (2003). *Blackness without Ethnicity: Constructing Race in Brazil*. Londres: Palgrave McMillan, 248 p.

Schmitz, H. P. (2007). *Non-State Actors in World Affairs*. Syracuse: Moynihan Institute.

Schneider, T. (2014). 'Anti-Fascists rally against Shop of Neonazi Hendrik Möbus in Berlin', *Demotix*, 31 out. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20150702223929/http://www.demotix.com/news/6155717/anti-fascists-rally-against-shop-neonazi-hendrik-m-bus-berlin#media-6155622>. [Acesso em: 14 fev. 2025].

Schwarz, H. (1928). *Gott jenseits von theismus und pantheismus*. Alemanha: Junker und Dünnhaupt, 160 p.

Siegl, B. (1991). *Auferstanden aus Ruinen: Rechtsextremismus in der DDR*. Berlim: Edition TIAMAT, ISBN 3923118872.

Spracklen, K. (2015). 'To Holmgard ... and Beyond': Folk metal fantasies and hegemonic white masculinities', *Metal Music Studies*, 1(3), pp. 1-20.

Stabile, A. (2020). 'Polícia Civil de SP investiga grupo por apologia ao nazismo', *Ponte*, p. 1, 1 maio. Disponível em: <https://ponte.org/policia-civil-de-sp-investiga-grupo-por-apologia-ao-nazismo/>. [Acesso em: 1 abr. 2025].

Subculture. (2024). *Oxford Advanced American Dictionary*. Reino Unido: Oxford University Press. Disponível em: https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/definition/american_english/subculture. [Acesso em: 29 set. 2024].

Teitelbaum, B. (2019). 'Daniel Friberg and Metapolitics in Action', in: Sedgwick, M. (ed.) *Key Thinkers of the Radical Right: Behind the New Threat to Liberal Democracy*. Oxford: Oxford University Press, pp. 259–276.

Teitelbaum, B. (2014). '"The Path of Dreams": Breivik, Music, and Neo-Nazi Skinheadism', *NMH Brage*, pp. 1-20.

Weiss, M. C. (2019). 'The Russians and Ukrainians Translating the Christchurch Shooter's Manifesto', *Bellingcat*, 14 ago. Disponível em: <https://www.bellingcat.com/news/uk-and-europe/2019/08/14/the-russians-and-ukrainians-translating-the-christchurch-shooters-manifesto/>. [Acesso em: 12 abr. 2025].

Vikernes, V. (2025). 'A new 'Should I even consider buying ReconQuest?' form just dropped', X, @BornLik23266, 2 abr. Disponível em: <https://x.com/BornLik23266/status/1907428791603093832>. [Acesso em: 1 abr. 2025].

Williams, J. F. (2018). 'Burke, Black Metal, and the Golden Dawn: Deconstructing the Dangerous Appeal of Black Metal Nacional-Socialista', *Present Tense*, 7(1), pp. 1-8.

Willmott, P. (1969). *Adolescent Boys of East London*. Londres: Penguin, 232 p. ISBN 0140210245.

Yanks, T. (2025). 'Trying to get into BMNS', X, @4SkinGump, 18 mar. Disponível em: <https://x.com/4SkinGump/status/1901924817089024489/photo/1>. [Acesso em: 1 abr. 2025.]

Yinger, J. M. (1960). 'Contraculture and Subculture', *American Sociological Review*, 25(5), pp. 625-635, out. DOI 10.2307/2090136. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2090136?origin=JSTOR-pdf>. [Acesso em: 10 out. 2024]